

Jornal da UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Universidade

• Gerd Bornheim • José Paulo Bisol • Jorge Gerdau
Johannpeter • Lya Luft • Flavio Del Mese • Vitor Ramil •
Flávio Fava Moraes • Boaventura de Souza Santos •
Gilberto Schwartzmann • Ruben Oliven • Sérgio Adorno •
Milton Formoso • Miguel Murmis • Daniel Herz • Eduardo
Corsetti • Jefferson Barros • Maria Helena Weber • Jorge
Brovetto • Xico Stockinger • Alberto André • Rodolfo Pinto
da Luz • José Saramago • Carlos Alexandre Netto • Hugo
Juri • Ruy Carlos Ostermann • Octávio Ianni • Jader Nunes
de Oliveira • Barbosa Lessa • Roman Maiorga • Ubaldo
Zuñiga • Eva Sopher • Miguel Rojas Mix • Lauro Mohry • Jair
Krischke • Gonçalo Guimarães • Carlos Rodrigues
Brandão • Wrana Maria Panizzi • Cida Moreira • Antonio
Carlos Borges Cunha • Luis Miranda • Nelson Boeira • Tarso
Genro • Lúcio Kowarick • Reinaldo Guimarães • Mauro
Knijnik • Andrew Simpson • Francisco Mauro Salzano • Leo
Hartmann • Maria Inês Schmidt • Carlos Tucci • Evgen
Bavcar • Evandro Mirra • Armino Trevisan • Noam
Chomsky • Luiz Oswaldo Leite • Carlos Roberto
Santos • Marco Antonio R. Dias • Gabriel Macaya
Trejos • Renato Janine Ribeiro • Rafael Guarga • Anthony
Garotinho • Ciro Gomes • José Serra • Luiz Inácio Lula da
Silva • Sérgio Ferreira • Cristóvam Buarque • Roberto
Amaral • Luiz Fernando de Abreu Cybis • João Luiz
Becker • José Vicente Tavares dos Santos • Renato Machado
de Brito • O Que É A Paz? • Paulo Vinentini • Sérgio
Rezende • Marcel Bursztyn • Dilvo Ristoff • Ana Lúcia
Almeida Gazzola • Zuenir Ventura • Ennio Candotti •

Entrevistas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitora

Wrana Maria Panizzi

Vice-Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Jornal da Universidade

Clóvis Ott

Editor-Chefe

Ida Stigger

Editora Executiva

**Jornal da**
Universidade

•Gerd Bornheim•José Paulo Bisol•Jorge Gerdau
Johannpeter•Lya Luft•Flavio Del Mese•Vitor Ramil.
Flávio Fava Moraes•Boaventura de Souza Santos.
Gilberto Schwartzmann•Ruben Oliven•Sérgio Adorno.
Milton Formoso•Miguel Murmis •Daniel
Herz•Eduardo Corsetti•Jefferson Barros•Maria Helena
Weber•Jorge Brovetto•Xico Stockinger•Alberto
André•Rodolfo Pinto da Luz •José Saramago•Carlos
Alexandre Netto•Hugo Juri•Ruy Carlos Ostermann.
Octávio Ianni•Jader Nunes de Oliveira•Barbosa
Lessa•Roman Maiorga•Ubaldo
Zuñiga•Eva•Sopher•Miguel Rojas Mix•Lauro
Mohry•Jair Krischke•Gonçalo Guimarães•Carlos
Rodrigues Brandão•Wrana Maria Panizzi•Cida
Moreira•Antonio Carlos Borges Cunha•Luis
Miranda•Nelson Boeira•Tarso Genro•Lúcio
Kowarick•Reinaldo Guimarães•Mauro Knijnik•Andrew
Simpson•Francisco Mauro Salzano•Leo
Hartmann•Maria Inês Schmidt•Carlos Tucci•Evgen
Bavcar•Evandro Mirra•Armindo Trevisan•Noam
Chomsky•Luiz Oswaldo Leite•Carlos Roberto
Santos•Marco Antonio Dias•Gabriel Macaya
Trejos•Renato Janine Ribeiro•Rafael Guarga•Anthony
Garotinho•Ciro Gomes•José Serra•Luiz Inácio Lula da
Silva•Sérgio Ferreira•Cristóvam Buarque•Roberto
Amaral•Luiz Fernando de Abreu Cybis•João Luiz
Becker•José Vicente Tavares dos Santos•Renato Machado
de Brito•O Que É A Paz?•Paulo Vizentini•Sérgio
Rezende•Marcel Bursztyn•Dilvo Ristoff•Ana Lúcia
Almeida Gazzola •Zuenir Ventura •Ennio Candotti •

Entrevistas

© Universidade Federal do Rio Grande do Sul
1ª edição: 2004

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Rosâne Vieira
Revisão: Ida Stigger e Flavia Boni Licht
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Rosâne Vieira
Fotografia: Cibele Vieira, Daniela Picoral, Patrícia Haubert,
Reni Jardim e Ricardo Andrade.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadoria de Comunicação Social

Entrevistas / Jornal da Universidade. - Porto Alegre : UFRGS, 2004

Apresentação de Wrana Maria Panizzi

1. Jornalismo - Entrevista. 2. Cultura - Intelectuais - Entrevista.
I. Jornal da Universidade UFRGS. II. Panizzi, Wrana Maria. III. Ott, Clovis.
IV. Título.

CDU 07
008

Catálogo na publicação: Biblioteca Central da UFRGS

Sumário

| | |
|-----------------------------------|---------------------------------------|
| Apresentação / 6 | 414 / Lúcio Kowarick |
| Gerd Bornheim / 8 | 424 / Reinaldo Guimarães |
| José Paulo Bisol / 18 | 436 / Mauro Knijnik |
| Jorge Gerdau Johannpeter / 30 | 450 / Andrew Simpson |
| Lya Luft / 40 | 460 / Francisco Salzano |
| Flávio Del Mese / 52 | 460 / Léo Afraneo Hartmann |
| Vitor Ramil / 62 | 472 / Maria Inês Schmidt |
| Flávio Fava de Moraes / 74 | 478 / Carlos Tucci |
| Boaventura de Souza Santos / 84 | 482 / Evgen Bavcar |
| Gilberto Schwartzmann / 96 | 496 / Evandro Mirra |
| Ruben Oliven / 102 | 506 / Armindo Trevisan |
| Sérgio Adorno / 114 | 516 / Mesa Redonda |
| Milton Formoso / 128 | 532 / Noam Chomsky |
| Miguel Murmis / 138 | 540 / Luiz Osvaldo Leite |
| Maria Helena Weber / 150 | 550 / Carlos Roberto A. dos Santos |
| Daniel Herz / 150 | 558 / Marco Antonio R. Dias |
| Eduardo Corsetti / 150 | 574 / Gabriel Macaya Trejos |
| Jefferson Barros / 150 | 582 / Renato Janine Ribeiro |
| Jorge Brovetto / 164 | 590 / Rafael Guarga |
| Xico Stockinger / 174 | 598 / Anthony Garotinho |
| Alberto André / 182 | 598 / Ciro Gomes |
| Rodolfo Pinto da Luz / 192 | 598 / José Serra |
| José Saramago / 200 | 598 / Luís Inácio Lula da Silva |
| Carlos Alexandre Netto / 210 | 608 / Daniel Herz |
| Hugo Juri / 220 | 618 / Reitores |
| Ruy Carlos Ostermann / 232 | 626 / Dirigentes |
| Octavio Ianni / 244 | 636 / Sérgio Ferreira |
| Jader Nunes de Oliveira / 254 | 646 / Cristovam Buarque |
| Barbosa Lessa / 264 | 656 / Roberto Amaral |
| Roman Maiorga / 274 | 662 / João Luís Becker |
| Ubaldo Zuñiga / 282 | 662 / José Vicente Tavares dos Santos |
| Eva Sopher / 294 | 662 / Luís Fernando de Abreu Cybis |
| Miguel Rojas Mix / 304 | 662 / Renato Machado de Brito |
| Lauro Mohry / 314 | 672 / O que é a paz? |
| Jair Krischke / 324 | 684 / Paulo Vinentini |
| Gonçalo Guimarães / 336 | 692 / Sergio Rezende |
| Carlos Rodrigues Brandão / 346 | 700 / Reitores avaliam |
| Wrana Maria Panizzi / 356 | encontro com Lula |
| Cida Moreyra / 368 | 708 / Marcel Bursztyn |
| Antônio Carlos Borges Cunha / 376 | 716 / Dilvo Ristoff |
| Luiz Miranda / 386 | 722 / Ana Lúcia Gazzola |
| Nelson Boeira / 386 | 730 / Zuenir Ventura |
| Tarso Genro / 402 | 738 / Ennio Candotti |

Ruben Oliven



O gaúcho é brasileiro por opção

O antropólogo Ruben Oliven recebe, em agosto prêmio da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) pelo conjunto de sua obra, durante congresso em Natal. É o prêmio Érico Vanucci Mendes, ele próprio um estudioso da cultura brasileira, que faleceu ainda jovem. Ruben Oliven fala sobre os gaúchos e o gauchismo, a globalização cultural e a identidade dos brasileiros. Participaram da entrevista os jornalistas Maria Wagner, Vera Spolidoro, Ademar Vargas de Freitas e Leandro Rodrigues (bolsista do curso de Comunicação).

JULHO 1998 - EDIÇÃO Nº 10

Jornal da Universidade - Como o senhor vê o processo de globalização e as suas consequências para as culturas nacionais?

Ruben Oliven - Globalização é uma palavra que corre o risco de virar chavão. É um processo que tem várias características. Uma delas é o fato de estar havendo uma compressão muito grande de tempo e espaço. Eram dois aspectos sempre interligados e que, agora, estão cada vez menos relacionados. Posso, pela Internet, mandar uma mensagem para a Austrália e para a sala ao lado com a mesma rapidez. As pessoas se locomovem com uma velocidade muito maior do que a de 50 anos atrás, e estão em contato com todo mundo. Há outros processos ligados a isso, como a crise no mundo do trabalho, em toda a área econômica, e o fato de que toda a idéia de Estado-Nação está mais complexa. O dinheiro é extremamente volátil. Há uma crise no México, o dinheiro sai de lá, vai para outro lugar e tudo isso é feito por computador. Este é o lado mais conhecido. A tendência, em função disto, é tudo ficar muito igual. O mundo está se homogeneizando. Mas é um processo bem mais profundo, o Brasil é um exemplo de que as coisas não são bem assim. Temos, por exemplo, o McDonald's, mas ao mesmo tempo uma cultura bem forte. A música brasileira, absolutamente, não desapareceu. Acho até que a globalização tem o efeito de fazer com que o local se torne mais importante, justamente pelo fato de as pessoas estarem mais próximas. Isso faz com que o local se torne importante e as pessoas valorizem. Ninguém nasce globalizado. Todos nascem em um Estado, em um país, em um local, e essa referência é fundamental. Portanto há, sim, uma globalização. Ela afeta o Brasil, afeta todos os países, mas não significa, necessariamente, uma homogeneização.

JU - E o conceito de Estado-Nação, perdeu importância?

Oliven - Com bastante frequência se afirma isso. Acho que não. Vamos pegar alguns exemplos práticos. O fato de alguém ser cidadão brasileiro faz com que ele possa ir até o Acre e trabalhar lá. Mas no momento em que for para o Uruguai, isso não é possível. As leis são diferentes. O Estado-Nação não perde, necessariamente, o poder de decisão. A política econômica do Brasil pode ter afetado o que acontece no mundo, mas o governo brasileiro tem toda a possibilidade de tomar decisões e anular esse resultado. O fato de a GM e da Ford terem vindo para o Rio Grande do Sul foi uma decisão negocial. Não houve uma "invasão". O Estado-Nação não perde de todo o poder. Dependendo do país temos um poder relativo. Não se pode ficar com a ilusão de que, com a globalização, terminam as nações, ou com a ilusão de que todos vamos falar inglês. O futebol brasileiro, por exemplo, pode até estar globalizado no sentido de os jogadores participarem de outros times, mas não deixa de ser futebol brasileiro. Esse é o segundo aspecto que eu, como antropólogo, tenho que frisar. De certa maneira é possível fazer um paralelo, no Brasil, com o que aconteceu na Semana Modernista. Em São Paulo, fizeram uma Semana com muito estardalhaço, eles queriam, basicamente, atualizar o Brasil. Achavam que o Brasil era atrasado e que teria que ser modernizado. Passada a Semana, se deram conta de que só existe uma maneira de ser universal: é ser nacional. Mário de Andrade foi muito coerente nisso e resolveu estudar o folclore brasileiro. Eles se deram conta que ninguém nasce moderno, ninguém nasce universal. Da mesma maneira, ninguém nasce globalizado. Eu diria até que as diferenças se

acentuam mais num momento de globalização.

JU - Se ser universal é ser nacional, qual a razão de os gaúchos serem considerados, ou se considerarem, diferentes em relação aos outros brasileiros?

Oliven - O Rio Grande do Sul tem uma situação peculiar. É um estado de fronteira. Sempre esteve entre Espanha e Portugal. De alguma maneira, os gaúchos se vêem como brasileiros por opção. Dentro disso, o Rio Grande do Sul tem diferenças na maneira de falar, de fazer política. Sempre há uma tensão relacionada ao Rio Grande do Sul. A sua cultura não pode ser uma cultura nacional, porque é diferente. Lupicínio Rodrigues é o cantor mais nacional que temos. Os outros artistas, principalmente os que fazem uma música especificamente gaúcha, dificilmente terão uma penetração maior. É completamente diferente da música do Rio de Janeiro, que sempre foi considerada nacional até pelo fato de o Rio de Janeiro ter sido capital. Hoje seriam os baianos, que fizeram uma música de temas nacionais, depois de Caetano, ou então que apresentam a baianidade como traço constitutivo do brasileiro, incorporando a figura do negro. Esta é uma música que já nasce como "nacional". É difícil imaginar a música dos festivais nativistas do Rio Grande do Sul com a figura do gaúcho, do peão, como "nacional". Já Lupicínio, cantava a dor de cotovelo, tema nacional e internacional. Portanto, com alcance maior.

JU - E o próprio Brasil, principalmente a partir dos governos militares, também não tem se considerado "diferente"?

Oliven - Durante muito tempo, o Brasil teve complexo de inferioridade, de país subdesenvolvido, sempre visto como país de Terceiro Mundo. Essa divisão é um conceito amplo demais, até para avaliar indicadores econômicos. O Brasil, certamente, não é do Primeiro Mundo, mas tem algumas coisas muito desenvolvidas: exporta aviões, fabrica automóveis, tem não sei quantas universidades, faz transplantes... Mas, ao lado disso, tem a pobreza. De certa maneira, o modelo brasileiro é isso: se há grande crescimento econômico e tecnológico em algumas áreas, há a maior concentração de renda do mundo. O próprio crescimento econômico acabou se refletindo na área cultural. A Rede Globo é uma multinacional que exporta produtos, telenovelas feitas no Brasil que fazem sucesso em Portugal, na França, na China e nos mais variados países, de uma maneira absolutamente profissional, comercial. Mais alguns exemplos: o grupo Sepultura compõe músicas em inglês, fizeram um disco que, na Europa, logo no lançamento, vendeu muito mais do que os discos da Madonna. O grupo é brasileiro, canta em inglês, faz um sucesso internacional muito grande; antes de lançar o disco, que se chama Roots, a banda foi pesquisar as suas raízes em uma aldeia Xavante. Foi a uma aldeia indígena pesquisar suas raízes para fazer um disco em inglês e ter, como mercado, o mundo todo. Isso acontece agora. Mas no final da década de 70, o Sérgio Cabral, grande crítico de música, disse: "A música da Rita Lee não é brasileira, é rock". Acho que ele está redondamente enganado. Primeiro, porque o rock, apesar de surgir nos EUA, se espalhou pelo mundo inteiro e, de alguma maneira, se nacionalizou. Não tem nenhum sentido dizer que um grupo que está fazendo rock não faz música brasileira. É a mesma coisa dizer que "valsa só pode ser feita na Áustria". Nesse terreno não sobra nada, não sobra o samba, que teve influência estrangeira; não sobram as músicas gaúchas, quer dizer, se o critério é a importação de influências, o

mundo inteiro está sempre emprestando e importando coisas. O filme *A Grande Fuga*, do Bruno Barreto, é um filme que se passa no Rio de Janeiro, mas tem uma temática internacional toda em inglês. Fica a pergunta: ele deixa de ser brasileiro? Qual é o critério para o filme ser brasileiro? Ser feito no Brasil, ser falado em português, ser feito por um diretor brasileiro? Um outro exemplo é o filme *O Quatrilho*. Não pega a figura do gaúcho e sim a figura do colono. Elege o colono, mas é um filme “global” em todos os sentidos, pois tem os atores da Globo, que tentam, de uma maneira desastrosa, falar com o sotaque da época, é um filme que já nasce pensando no mundo, com a idéia de concorrer ao Oscar.

JU - Dá para se dizer que existem várias culturas gaúchas?

Oliven - O Rio Grande do Sul tem algo parecido com o Brasil. O Brasil tem a “síndrome do Oiapoque ao Chuí”. Tudo no Brasil é pensado para se aplicar desde o Oiapoque até o Chuí, do currículo escolar a uma lei, como se o país fosse homogêneo. O Rio Grande do Sul faz a mesma coisa, mas tem que se dar conta da existência de doze regiões culturais diferentes no Estado. O Litoral é uma coisa, a Campanha é outra, a região de colonização alemã é outra, a área de Cima da Serra é outra. O que torna comum é a tentativa de opor o Rio Grande do Sul ao Brasil para construir a identidade gaúcha. Este é um processo que se dá ao natural. Se dá, em primeiro lugar, pelo fato de a Campanha, onde surgiu a figura do gaúcho como peão de estância, ter sido a primeira área de colonização, a área mais rica, mais influente política e economicamente, e ter na figura do gaúcho, um símbolo emblemático. Os alemães e os italianos acabaram recebendo isso como modelo. Eles não tinham cavalo na Europa, o cavalo era apanágio dos nobres. Quando chegaram no Brasil tinham apenas pequenas áreas de terra. Uma das primeiras coisas que fizeram, quando ganharam dinheiro, foi comprar cavalos, não como instrumento de trabalho, mas como instrumento de visibilidade simbólica. Ao montarem, subiam física, socialmente e, de alguma maneira, simbolicamente, viravam gaúchos. Até hoje, no Rio Grande do Sul, a palavra colono tem um caráter pejorativo. Mas a palavra gaúcho tem o sentido de cavaleiro, nobre. Isso serviu para unificar, e nosso tipo representativo continua sendo o gaúcho. Isso passa pelo surgimento dos centros de tradições gaúchas. Fiz o mapeamento de sua distribuição no Rio Grande do Sul: estão em todas as regiões, não só na Campanha, mas na capital, na áreas alemã e italiana. O segundo CTG no Estado surgiu na região de Taquara. Isso deu um nó na cabeça dos tradicionalistas. Mostra que a figura do gaúcho é muito forte. Uma pesquisa em festivais de música revela que alguns são mais ortodoxos, outros menos. Um ortodoxo é a Califórnia da Canção Nativa, com regras muito claras sobre as músicas que podem concorrer. Já o Musicanto, em Santa Rosa, tem proposta alternativa, mais aberta e convida pessoas de fora. Estive nesses dois festivais. No Musicanto, ouvi dois tipos de música sobre o gaúcho: uma enaltecendo sua figura heróica e outra tentando desideologizar a sua imagem, mostrando que o gaúcho, na verdade, era um cara oprimido. As pessoas aplaudiram, vibrantemente, os dois tipos de música. Como é que pode? O que elas queriam ouvir era a figura do gaúcho sendo cantada, não importa se como tipo heróico ou como tipo sofrido. A figura do gaúcho é forte. Mobiliza muito e acaba construindo uma imagem do Rio Grande do Sul como se o Estado estivesse se opondo ao Brasil.

JU - Quando a Elis Regina fez sucesso no eixo Rio-São Paulo, foi acusada por aqui de ter abandonado o Rio Grande do Sul. Isso está relacionado com a forma de ser do gaúcho?

Oliven - No meio artístico gaúcho há uma queixa muito grande em relação a São Paulo e Rio de Janeiro: “Eles não nos dão a devida importância. Não noticiam nada do que a gente faz”. Ao mesmo tempo há um cobrança enorme do artista quando ele sai. Ficam dizendo que ele estaria abandonando, estaria traindo. Foi o que aconteceu com a Elis. Mas, de alguma maneira, ela entrou no jogo. Começou a arriscar e disse: “Estou fazendo o que tenho que fazer. Quem não gosta, não gosta”. Se atribui a ela, quando começou a fazer sucesso, esta frase: “Eu nunca me propus a ir para o Rio de Janeiro e abrir um CTG. Eu fui cantar”. Ela não cantava música nativista e é lógico que, no momento em que foi para o Rio de Janeiro, a sua preocupação foi com um mercado maior. Aí começam as patrulhas. Ultimamente se tem notado uma nova queixa por parte de artistas, mas em outro extremo: “São Paulo e Rio não nos notam e é muito bom que não nos notem. Estamos fazendo uma coisa para nós mesmos. Se não gostarem, o problema é deles”. É uma postura infantil, daquela criança que sai de casa, fica na porta e diz que não volta, mas está louco para voltar. Tem muita mágoa aí, e precisamos analisar isso com mais profundidade. Se certo tipo de manifestação cultural é regional, seu público será regional. Com a própria globalização, muitas coisas se repolarizaram. A própria definição do que é centro e do que é periferia ficou muito mais complexa. Os grandes impérios perderam seu centro. No caso da Europa, assiste-se à chegada de migrantes de ex-colônias, como na Inglaterra e na França. Eles não sabem o que fazer com essas pessoas.

JU - Nos últimos tempos a idéia de isolamento do Rio Grande do Sul tem sido modificada. Várias e importantes iniciativas têm contribuído para isso. Não é uma forma de o gaúcho afirmar a sua cultura perante “os outros”?

Oliven - O Rio Grande do Sul, se considerado periferia, somente se modificou, primeiro, porque a comunicação ficou muito mais rápida; segundo, com o Mercosul. De alguma maneira, o fluxo se alterou e o Estado se considera como uma das capitais do Mercosul. A Prefeitura de Porto Alegre, por exemplo, criou e realizou o “Porto Alegre em Buenos Aires”. É uma estratégia muito interessante. Basicamente, diz que as nossas fronteiras deixaram de ser as do Brasil, que estamos perto do Uruguai e da Argentina, que vamos expor nossas coisas lá e o resto do país vai ter que noticiar. Pode noticiar pouco, mas acaba saindo na grande imprensa. Fazer uma Bienal do Mercosul em Porto Alegre, passa a ser referência obrigatória. Não há como negar que ela teve uma qualidade artística muito grande. Acho muito importante avaliar as possibilidades que existem em um lugar como o Rio Grande do Sul, em uma cidade como Porto Alegre e saber aproveitar esse espaço.

JU - Aproveitar a “estética do frio”?

Oliven - É uma das possibilidades. A “estética do frio”, do Vitor Ramil, é uma tentativa de dizer: “Olha, aqui tem outro tipo de estética, que é diferente. É isso que nós fazemos.” Acho que a “estética do frio” nunca vai virar uma coisa nacional. Mas é diferente e tem um espaço. São duas coisas: uma é criar manifestações culturais que tenham a ver com o Rio Grande do Sul e que tenham um certo

fim; outra, são manifestações para um público maior. Aqui se fez música que na década de 50 teve um impacto nacional enorme. Ou então surgiram escritores como Dyonélio Machado, cujos livros ficaram esquecidos durante um tempo e que depois tiveram reconhecimento como literatura internacional. Seu livro *Os Ratos* é considerado uma das melhores obras brasileiras pelo Guimarães Rosa. É complexo, pois se temos artistas que fazem coisas ligadas à temática local, muitas vezes tiveram uma produção de valor universal. E ainda há pessoas que escrevem sobre temáticas que, necessariamente, não tem a ver com o Rio Grande do Sul, apesar de morarem a maior parte de suas vidas no Estado. JU - É possível dizer que também estão ocorrendo grandes modificações culturais em todo o País?

Oliven - O que está havendo no Brasil, de certa maneira, começou no Rio Grande do Sul. O Brasil era essencialmente rural. Hoje é essencialmente urbano. Os sem-terra querem viver no campo, mas a maior parte das pessoas preferem a cidade. No Rio Grande do Sul, por exemplo, fala-se do renascimento da cultura gaúcha a partir da década de 80, marcada pela ascensão dos festivais de música, de discos, jornais, restaurantes, editoras, tudo a partir da cultura chamada nativista. Aí temos um mercado cultural, formado por jovens, boa parte da classe média, e urbanos. Esse pessoal cairia do cavalo, literalmente, se tentasse montar. O primeiro CTG foi formado por pessoas que vieram do campo para a cidade. Não há necessidade de criar um CTG, quando se mora na fazenda. No momento em que se sai começa a saudade, aí surge a criação. Há uma coisa semelhante em relação à música sertaneja, que é diferente da música caipira; a caipira, do interior de São Paulo, está ligada à cultura da pessoa que mora no campo. Já a música sertaneja é uma criação urbana, do sujeito que mora na cidade – talvez originário do campo – que faz música falando do campo para um público urbano. A sertaneja é considerada uma música de público menos instruído, de classes populares. Tem, hoje em dia, uma nova variante que é o estilo country que extrapola a música. É um estilo muito mais complexo e envolve milhões de reais. Nota-se na Festa do Peão Boiadeiro, em Barretos (SP), e em outras pelo Brasil afora, que surge a figura do agrobóy. Ele tem uma F-1000, veste roupa sofisticada, usa aquele chapelão e tem poder aquisitivo muito maior. Lida com compra e venda de animais e, ao mesmo tempo, desenvolvendo um estilo country, é pessoa que já tem experiência urbana. De certa forma, é uma ampliação globalizada, porque tem muito mais a ver com o cowboy norte-americano. A nossa vivência de campo, do Brasil como país rural, faz com que tenhamos muito mais referências deste, do que relacionadas ao Brasil urbano.

JU - O senhor disse que, apesar da globalização, os valores locais permanecem. Mas, de repente, a gente vê uma pessoa lá do interior de Goiás usando chapelão. Essa integração de culturas não cria problemas de identidade, por exemplo?

Oliven - Ao contrário de muita gente, não vejo problemas nisso. Acho que, no mundo inteiro e o tempo todo, as pessoas emprestam coisas e tomam coisas emprestadas, o que é muito saudável. Portanto, fica difícil dizer o que é autenticamente nosso ou não. Todos que estão no Brasil, alemães, japoneses, italianos, portugueses, negros, poloneses, migraram. E os indígenas também, há milhares de anos. Cada grupo trouxe um tipo de influência. O que há no Brasil é uma

espécie de culpa, de complexo de inferioridade por importar coisas. Mas o Brasil é especialista em importar coisas. Alguns exemplos: o Espiritismo surgiu com Alan Kardec na França, no século passado, e teve um relativo sucesso lá. Começou, diminuiu um pouco, com a Primeira Guerra Mundial subiu e depois estabilizou. No Brasil fez um sucesso enorme. Lá era uma coisa muito mais de classes populares. Aqui é de classe média, intelectualizada e tornou-se muito forte. Sei casos de brasileiros que foram para a França e lá criaram centros espíritas famosos. Outro exemplo: o Positivismo, também criado na França, teve uma influência enorme no Brasil (na Proclamação da República, na nossa bandeira, no Rio Grande do Sul, que foi governado durante, praticamente, 40 anos por uma constituição positivista). Temos, em Porto Alegre, a arquitetura positivista na Biblioteca Pública, no Palácio do Governo, na Prefeitura, no atual Museu de Artes do Rio Grande do Sul. Roberto Schwarz disse que no Brasil as idéias estariam fora do lugar. Acho que elas entram em um lugar ajustadas às necessidades. O Brasil é extremamente rico em antropofagia. Assim como comeu o bispo Sardinha, o Brasil tem uma grande capacidade de digerir, de transformar em outra coisa aquilo que vem de fora. E de maneira extremamente criativa.

JU - O senhor acha que a cultura brasileira já é forte o suficiente para competir com outras, mais antigas e sedimentadas?

Oliven - Sim e um exemplo é a música chamada “bate-estaca”. Uma grande gravadora internacional faz uma matriz e empurra isso para o mundo inteiro. O “bate-estaca” entrou no Brasil, mas não acabou com a música brasileira. O Carnaval continua forte, como o bumba-meu-boi e outras manifestações. Há coisas que podem, eventualmente, desaparecer. Mas acho que a tendência é de se modificarem. O Brasil tem vitalidade e criatividade muito fortes na área da cultura, que não teme as influências. Não faz sentido se fechar às influências externas. O contato entre culturas diferentes é sempre criativo e acaba resultando em outras manifestações. Isso ocorre o tempo inteiro. A cozinha italiana no Rio Grande do Sul é outro exemplo. A rigor, o galetto é considerado uma comida que seria específica do Rio Grande do Sul. Mas o que é o galetto? Quando os italianos chegaram no Estado foram proibidos de abater passarinhos, como é a sua tradição. Começaram a criar galinhas e quando o frango dava o primo canto, era abatido. Eles juntaram isso com polenta e fizeram um prato que passou a ser típico do Rio Grande do Sul. É muito comum ouvir descendentes de italianos contarem que, ao visitarem a Itália, ficaram decepcionados por não encontrar o galetto e que a polenta não é típica, sendo mais um prato de classes populares, enquanto aqui é considerada requintada, típica do Rio Grande do Sul. Na verdade, o galetto é um prato ítalo-gaúcho-brasileiro, da mesma maneira que a pizza é um prato italiano, mas também é feita por japonês. O churrasco está disseminado por todo o Brasil. Há quem afirme a existência de churrascarias muito melhores em São Paulo do que aqui. Um dos lugares que mais exporta assadores é Nova Bréscia, cidade de colonização italiana e não da Campanha. Na verdade, esse é um processo fascinante justamente por isso: mistura português, negro, italiano, alemão, gaúcho e exporta. Há CTGs em todo o Brasil, no Paraguai, na Bolívia; há CTG em Los Angeles e até no Japão, chamado “Sol Nascente”.

JU - Isso quer dizer que somos, portanto, um país flexível?

Oliven - O Brasil é assim. Pelas estatísticas, a maior parte da população é católica. Mas, com muita frequência, encontramos católicos que frequentam o candomblé, a umbanda. Isto não é visto como uma coisa excludente. As coisas não são tão rígidas. É possível passar de um partido político para outro. Há uma idéia errada de que as pessoas, no mundo moderno, acreditariam muito mais na ciência, deixando de lado outras coisas. No Brasil vemos justamente o contrário. O país se desenvolve em vários sentidos mas é um país de enorme religiosidade, não só entre a população pobre. Somente a Região Metropolitana de Porto Alegre tem de 5 a 6 mil centros de umbanda. Absolutamente não é incompatível, no Brasil, alguém ser um grande astrônomo e ao mesmo tempo ser religioso. São duas dimensões que não se excluem. Não é porque a pessoa tem uma atividade racional que ela não possa ter crença. Brasileiro não gosta de ter vida excessivamente regrada. Tem todo um outro lado mais lúdico, mais espontâneo. Dou como exemplo a Copa do Mundo. O que acontece quando o Brasil perde a Copa do Mundo? O técnico da Seleção é sempre culpado, e qual é a crítica que sempre recebe? Há dois tipos: se a Seleção começou a treinar muito tarde, todo mundo diz: “É lógico que tinha de perder. Futebol não dá para jogar de maneira desorganizada, envolve um longo preparo, toda uma concentração, disciplina e o Brasil acha que ainda pode ganhar a Copa do Mundo sem treinar”. Mas quando Coutinho - um militar - foi treinador, em 1978, estabeleceu um modelo muito rígido, a crítica foi esta: “Não adianta o Brasil querer jogar futebol como nos outros países. O futebol brasileiro não é disciplinado, é criativo, tipo Garrincha”. O Brasil se defronta o tempo inteiro com essas duas coisas: uma, a de que nada funciona; outra, a de que o defeito é alheio. Dizem que o estrangeiro é rígido, não tem a mínima flexibilidade. O Brasil joga com o sistema, até nas leis. Tem um sistema jurídico extremamente elaborado, está sempre fazendo leis e regulamentos. Mas sabe de antemão que algumas foram feitas para não pegar. Então, a lei acaba não valendo para todo mundo. Por outro lado, se sabe que várias coisas da sociedade brasileira são negociadas. Há prazos, mas, dependendo, pode-se “dar uma esticada”; tem fila, mas não são todos que entram na fila. Nem todos os criminosos vão para a cadeia. Esse é o jogo. Se, por um lado, há um caráter simpático, às vezes há outro, totalmente antipático. No Brasil, onde há diferenças sociais tão grandes, é lógico que saem prejudicados sempre os mais fracos.

JU - É o famoso “você sabe com quem está falando”? O “carteiraço”?

Oliven - Exatamente. Esse é outro aspecto complicado no Brasil. Por um lado, há a idéia de grande fraternidade, de que todos são iguais, que o futebol congrega a todos, o Carnaval também. Mas chega um certo momento em que há uma ruptura e o cara diz “péra aí um pouquinho, eu sou doutor, eu sou deputado”, e aí a coisa se inverte e ficam muito mais marcadas as diferenças na nossa sociedade.

JU - O senhor disse que o brasileiro é mais livre, mais espontâneo, que não gosta de regramentos. Isso se aplica ao gaúcho também?

Oliven - Os gaúchos, com muita frequência, são vistos como mais sérios, mais “cedeefes”. Acredito que depende de com quem se compara. O paulista, muitas vezes, também é considerado muito sério, muito trabalhador, muito acelerado.

Os americanos, por exemplo, se definem como um povo que trabalha, que valoriza o trabalho. Mas uma das coisas que mais chama a atenção nos EUA e na Inglaterra é a quantidade de pessoas que trabalham das 9h às 17h e, quando chega o final do expediente, simplesmente deixam cair a caneta. Os brasileiros, quando se encontram, se perguntam “o que você tem feito”? O perguntado responde que não tem feito nada. Quem tem dois ou três empregos, começa às 7h30min da manhã mas não diz que está trabalhando muito, senão passa por otário. Então tem muito de representação, como as pessoas se apresentam. O gaúcho tem uma representação muito forte, que é a figura do cavaleiro que enfrenta dificuldades: a chuva, a natureza, os inimigos, os castelhanos. A construção social dele se faz como um tipo forte. Isso, de alguma maneira, passa para a representação que as pessoas têm do gaúcho. É interessante notar que os filhos de colonos de origem alemã e italiana, quando saem do Rio Grande do Sul – pois não há terra suficiente para eles – incorporam isso. Quando compram seus 250 hectares, viram gaúchos e o discurso deles é o do trabalho. Inclusive há relatos de que eles fazem distinção entre “nós, os gaúchos, e os brasileiros”. Os brasileiros locais seriam preguiçosos e eles não, seriam pessoas desbravadoras e pioneiras. Há essa imagem do desbravador que enfrenta a natureza, um tipo mais endurecido pelas batalhas, pelo frio, e que se oporia ao resto do Brasil, não a São Paulo, mas certamente ao Rio de Janeiro e à Bahia.

JU - Há uma discussão nacional sobre a seca, um pouco arrefecida pela questão da Copa do Mundo. Mas há uma visão subjacente, de que a seca é um fenômeno endêmico, e que não se resolve porque os nordestinos não teriam condições para tanto.

Oliven - Têm duas secas. A seca como fenômeno físico, que pode ser quantificada, medida. Sabemos que com a tecnologia existente, pode haver um controle cada vez maior da natureza, com técnicas de irrigação, por exemplo. Então, é óbvio que haveria condições de diminuir os efeitos da seca no Nordeste, a questão é saber a quem interessa isso. Na verdade, as elites nordestinas usam a seca para conseguir recursos que são usados somente em seu favor. Não adianta mandar dinheiro para o Nordeste, se esse dinheiro não vai combater a seca ou servir para uma distribuição de terras. Uma das coisas ruins do modelo brasileiro é que nunca se mexeu, de fato, na estrutura agrária. Um país capitalista, para conseguir se desenvolver, do ponto de vista capitalista, tem que mexer no campo. Se isso não acontecer, não será possível ter produtos agrícolas mais baratos para a população. Enquanto o Brasil não mexer na estrutura agrária, terá uma população de sem-terra, embora haja uma quantidade muito grande de pessoas que quer ficar no campo. O interessante dos sem-terra é que são pessoas que optam por não ir para a cidade. São pessoas importantes, que poderiam estar no campo, produzindo, e que não têm terra, por causa da estrutura agrária em vigor. E considerando a atual correlação de forças políticas no Brasil, não existe no horizonte uma possibilidade de modificação.

JU - Os brasileiros, quando estão no exterior, têm um comportamento diferente, mais barulhento, excessivamente alegre, exibicionista, até. O que o senhor acha disso?

Oliven - Os brasileiros são vistos, e também se mostram, como um povo alegre, descontraído, que não gosta de se sujeitar excessivamente a regras, mas que também não é violento. Lembro que estava nos Estados Unidos, na Copa de 84, e os jornais locais se referiam aos brasileiros como um povo alegre, que

fazia barulho, mas não criava problemas. Se perdêssemos, não sei se seriam assim. Mas vendemos um pouco essa imagem, e ela certamente representa o brasileiro, como um exemplo de ser contra muita disciplina, regras, prazos. Até certo tempo atrás, os norte-americanos não toleravam sequer pessoas que se vestissem de maneira diferente. Mas agora estão começando a permitir, na Disneylândia, por exemplo, a frequência de homossexuais em grupo e até que façam festas. Walt Disney era muito moralista. Vi um documentário sobre ele em que havia uma polêmica enorme discutindo se as sereias dos desenhos deveriam ter o bico do seio ou não, se isso seria muito sensual ou não. Também tive um experiência interessante com uma revista de antropologia nos EUA. Foi publicado um artigo de uma antropóloga americana sobre o comportamento dos brasileiros na Disneylândia. Achei interessante, mas chamou a atenção o fato de ela não falar absolutamente nada do que achava da Disney. Que não é uma coisa séria. Começa com uma parada que tenta recuperar a imagem de um reino europeu, em um país que nunca teve reino. Os artistas dançam de uma forma absolutamente geométrica, não têm nenhum jogo de cintura e fazem também uma mistura fantástica. Na análise, chamava a atenção como esta antropóloga levava a sério a Disneylândia, como se fosse uma coisa séria e os brasileiros, dentro desse lugar, não fossem. Na verdade, a Disneylândia também não é totalmente séria. Séria é a comercialização do local e de tudo lá dentro. Mas do ponto de vista cultural, é uma mistura. Mas por que os brasileiros têm que ser sérios em um lugar que não é, embora os americanos o considerem assim? Nessas circunstâncias, os brasileiros são vistos como alegres, simpáticos e relativamente indisciplinados.

JU - Isso tem algo a ver com uma aparente vocação do brasileiro de ser assim?

Oliven - Uma das coisas que o brasileiro mais gosta é de se apresentar como povo pacífico, ordeiro. É uma coisa disseminada. A "índole pacífica" é repetida como uma verdade. Aliás, o Sérgio Buarque de Holanda criou esse termo, mas não quis dizer que o brasileiro é sempre simpático, e sim que funciona muito com o coração, que usa a emoção. Na verdade, olhando para a história do Brasil, as partes não violentas são as grandes transições da elite: a Proclamação da Independência, a Proclamação da República, a Revolução de Trinta. Outros episódios foram extremamente violentos: em Canudos, houve massacre; na Revolução Federalista, há cem anos, morreram aproximadamente 12 mil pessoas. É como se hoje a morresse 80 mil pessoas. E a forma de matar os prisioneiros era o degolamento; a Revolta da Chibata ocorreu porque os marinheiros até então eram chicoteados. Os rebeldes foram anistiados mas, depois, vários deles foram queimados dentro de cal. Então, temos exemplos. E os Mucker? Havia necessidade de um conflito como esse? Esses, são fatos históricos. Mas se for calculada a quantidade de mortes no campo, entre os sem-terra, o resultado é monumental. O Brasil é recordista mundial em acidentes do trabalho. Em mortes por acidentes de trânsito também. A violência urbana assusta. Todos os dados mostram que no Brasil há muita violência, só que também há muita dificuldade em falar nisso. Os norte-americanos falam muito de violência e isso lá é tão comum quanto o beisebol. No Brasil há uma negação. Violência existe lá fora. Nós somos os bonzinhos. Na verdade, não é assim.

JU - Quando se fala em violência, a ligação imediata é com a urbana. Mas são prati-

cados muitos outros tipos...

Oliven - Quando voltei da Inglaterra após o doutorado, em 1978, se falava o tempo todo de violência urbana. Comecei a questionar o que era essa violência urbana. Vi que era sempre a do assaltante ou de quem bebe. Aí, levantei todos os assaltos a banco realizados em um ano e o total de quanto haviam rendido. Neste mesmo ano, somei o rombo dos dois maiores golpes dados no mercado financeiro e constatei que o prejuízo dos roubos era muitas vezes maior que o dos assaltos a banco. E se falava muito menos. Na verdade, estava havendo uma dramatização da violência. É mostrado um tipo de assaltante, quem bebe, o delinqüente menor, de classe baixa. Não se fala em outros coisas. Existem várias formas diferentes de violência.

JU - Esta dramatização da violência não é casual. Não tenta sugerir uma relação direta com a pobreza?

Oliven - Esta relação não é automática. É um mito. Há países muito mais pobres do que o Brasil que têm índice de violência muito menor. Além da pobreza existem outros fatores: o que predomina é uma desigualdade muito grande, embora o Brasil seja um país rico. Além disso, há uma impunidade muito grande. É mais complexo do que apenas dizer que a pobreza gera violência.